

EDUCAÇÃO É UMA ARTE: REGISTRO DAS EXPERIÊNCIAS DA RESIDÊNCIA EDUCACIONAL POR MEIO DAS ILUSTRAÇÕES

Bárbara Martins Marcolino¹

RESUMO

Tendo como referência o desenvolvimento dos relatos de experiência da Residência Educacional, a elaboração de ilustrações contém em si reflexões sobre a vivência da participação, enquanto observadora ativa, em todo o ambiente de aprendizagem. Este trabalho se propôs a dialogar de maneira precisa com a literatura, buscando embasamento teórico no que diz respeito às formas como podem ser desenvolvidos os relatos de experiência, e a apropriação de linguagem imagética como forma de trazer autenticidade e veracidade àquilo que experienciamos. O presente relato parte da concepção da ilustração enquanto forma significativa de linguagem tornando-a

um registro rico em intencionalidade e afetividade, uma vez que é produzido a partir de impressões repletas de possibilidade para pôr em curso o processo reflexivo que se instaura por meio da linguagem visual. Adentrar a sala de aula é perceber como a teoria e a prática podem se interrelacionar, desde que se tenha a destreza de se colocar junto ao estudante e àquilo que cada experiência pode revelar. Essa experiência nos mostra a necessidade de se permitir a aprender e explorar as múltiplas linguagens que atravessam a existência. A quebra da expectativa se faz fundamental nessa jornada, estando aberto ao novo e à espontaneidade, tal como as ilustrações aqui contidas

¹ Graduanda de Ciências Humanas pela FASESP. E-mail: barbamartinsmarcolino@gmail.com.

se baseiam, exemplificando, de maneira tangível, que conceito e prática estão muito além das ideias e da efetiva relação construída nos detalhes.

PALAVRAS-CHAVE Experiência; Ilustração; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se apresenta como forma de síntese das experiências da residência educacional realizada no Sesi Catumbi (CE 032) com o Ensino Fundamental I por meio de uma experiência com a produção de ilustrações. Dessa maneira, as experiências vivenciadas em todo ambiente de aprendizagem se fizeram presentes enquanto observação ativa.

O registro espontâneo e carregado de significação constituiu-se por meio de representações visuais dos momentos em que, de acordo com o contexto, colocaram em curso a afetividade. Dessa maneira, diante da

necessidade de constituir o relato das experiências por meio de uma linguagem visual, foi elaborada uma compilação da produção sob a orientação da residência trazendo não somente espontaneidade e imagem, como mais significância e percepção concreta.

Trazer de uma maneira autoral as vivências e percepções únicas da residência contribuiu consideravelmente para que as abordagens e conexões, tanto da prática docente quanto da observação da consolidação da aprendizagem, ganhassem sentido único em cada ilustração apresentada.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi demonstrar, por meio do relato de experiência na residência educacional da Faculdade de Educação Sesi-SP, as potencialidades da linguagem em diferentes modos de se construir a narrativa das experiências como residente, o que se fez neste trabalho por intermédio da linguagem visual da ilustração. Deve-se compreender

que cada maneira de apreensão das experiências que se apresentam dentro do contexto escolar carrega em si um pouco de cada sujeito que observa e participa. É importante ressaltar que a autenticidade pode ser um fator determinante para o caminho de formação dos estudantes enquanto futuros docentes. Encontra-se no registro visual uma possibilidade de

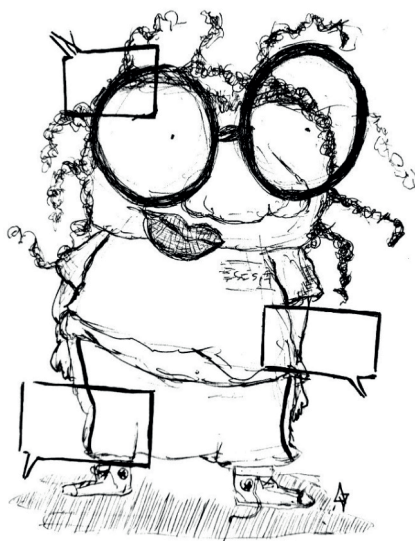
apreensão das potencialidades de cada situação vivida e um caminho interacional entre palavra e ação.

A seguir, são apresentados alguns dos relatos ilustrados resultantes da junção das experiências vivenciadas ao longo do ano de 2022, que tiveram reverberação na minha formação docente e enquanto observadora, bem como numa suma reflexiva de tudo que causava impacto no ambiente de aprendizagem.



Certa vez, estava diante de uma sala completamente engajada em uma determinada atividade. Entretanto, havia um menino completamente desinteressado. Pelo que havia percebido das aulas anteriores, parecia que a professora já tinha uma estratégia bem definida em relação àquele aluno em específico. No intervalo da aula, como de costume, voltei ao meu caderno, onde registrava as impressões e nuances daquilo que estava me despertando a atenção, e

ficamos apenas eu, a professora e o menino. O menino pareceu interessado em conversar com a professora, e então, percebi a abertura encontrada por ela para sensibilizar o aluno para o tema da aula. O enfoque desta era samba, e a professora começou a contar ao menino sobre suas vivências com a música e o quanto aquilo despertava o melhor de si. O aluno, observando o semblante entusiasmado da professora, teve sua atenção capturada, o que fez com ela rapidamente colocasse uma sequência de sambas-enredo e começasse a dançar junto com o garoto. Aquela cena foi a manifestação de entrega verdadeira à aula. Os sentidos e o conhecimento se materializaram em uma aprendizagem sensível de troca entre docente e educando. Perceber o que se faz necessário para que efetivamente o conhecimento toque o aluno é a mais alta habilidade que um professor pode vir a ter, motivo pelo qual foi tão espontâneo e intenso o registro na ilustração.



A ilustração aparece nos momentos em que a espontaneidade e a experiência se constroem, como ao estar presente e observando uma aula delicada e repleta de complexidades sobre racismo e bullying. Todos estavam bem atentos, mas uma menina capturou minha atenção e logo iniciei o esboço. Com a mão sempre pronta para pedir a palavra para fazer um comentário ou realizar questionamentos, notei que a aula parecia tocá-la muito. Todas as dimensões sobre ser diferente e a forma como o conhecimento a nutria de repertório mostravam que todas as experiências pelas quais ela havia até então passado possuíam sentido. Isso fez com que a aprendizagem se desse pela alteridade, mostrando então que conceitos são apenas conceitos se não forem imersos e tocados pelos significados.



Estar na escola é contemplar todas as suas potencialidades e entender que o ambiente de aprendizagem se dá

para além da sala de aula. Dessa forma, me vi diante do contexto completamente autêntico e intenso dos espaços de convivência dos alunos. Ao precisar acompanhar um aluno que não queria se alimentar, fui motivada pela certeza de que, ao insistir um pouco na ideia da importância da pausa da aula para se alimentar no refeitório, obteria o resultado esperado. Ao entrar no ambiente, percebia uma avalanche sensorial na qual gritos, brincadeiras e muita movimentação rendiam para mim um certo desconforto. Quando me aproximei do menino que se recusava a comer, ele me disse, tímido e em voz baixa: “Quero sair dessa bagunça”. Foi então que paramos, nos olhamos e, prontamente, retornamos à sala. Essa interação, fundamental, necessária, e até então não vivenciada, me fez capturar de maneira espontânea o registro, de forma que esse consolidasse as impressões tanto minhas quanto daquele garoto.



Vivenciar situações de conflito que ocorrem na sala é convidar o observador a ganhar repertório do que pode ou não dar certo. Ao deixar retirar alguns minutos do intervalo de dois meninos que estavam atrasados na lição devido à bagunça, percebi logo o empenho e a intencionalidade dessa atitude em promover uma reflexão pautada na causa e efeito das atitudes. Muito embora contrariados, os alunos que haviam chegado antes dos demais na sala se colocaram em foco total para terminar a lição antecipadamente e, dessa forma, poder brincar sem se preocupar. Com o retorno dos demais alunos, logo comecei a ilustrar a espontaneidade daqueles que reverteram a situação de punição em seu próprio benefício.

Sendo assim, estratégias intencionalmente pensadas, com um determinado propósito, repercutem de maneira diferente diante das potencialidades de cada sujeito. Perceber o que dá certo ou não é acreditar no processo contínuo e nas práticas que se estabelecem muito mais pela tentativa e erro.

Os dias passados em sala de aula se constituem de pura expressividade e espontaneidade. Temos sempre diante de nossos olhos autênticos personagens que sempre ocupam o imaginário do ambiente escolar, e, claro que no dia considerado mais

frio do ano até então, não poderia ter sido diferente. Nas mais diversas formas de se manifestar, os pequenos estudantes se trajavam de personalidade e aos poucos mostravam-se muito interessados em captar as nuances de cada um ao seu redor. O frio era um subterfúgio para conversas, para a integração e a interação de todos os presentes, como maneira de aquecer as curiosidades e tornar o processo de aprendizado ainda mais lúdico. Estar diante da naturalidade com a qual a expressividade dos pequenos sujeitos se constituía promoveu muita reflexão para a observadora, que, diante da cena ilustrada, ficou completamente perplexa e ensandecida para tornar disso um registro visual.



Estar diante de professoras e acompanhar o dia a dia de cada uma delas como observadora me colocou como

aprendiz que observava, atenta e encantada, cada movimento daquelas educadoras, encarando o privilégio daquela situação, não somente como futura docente mas como aluna. Ensinar não é apenas ver aluno diante do objeto do conhecimento. É preciso estar atento e olhar com empenho para compreender cada pequeno movimento à sua frente, e essa expertise e experiência fazem com que o docente passe a encarar a aula como um conjunto de elementos que a constituem, e o saber como resultado de uma série de fatores. O estudante que eu observava estava completamente distraído

do fluxo da aula (abrir o material didático e responder as questões elencadas) mas, apesar da professora perceber isso, ela não fez nenhuma intervenção, o que me deixou intrigada. A professora havia notado que, assim como eu, o menino também desenhava sobre os livros como uma forma concreta de apreender a sua realidade e registrar aquilo que estava ao seu redor, e, dessa maneira, consolidar seu conhecimento. O ângulo de olhar de um observador do contexto escolar será sempre uma dentre diversas outras perspectivas.

DISCUSSÃO

No que diz respeito ao uso de ilustrações como método de registro das experiências no programa de residência da formação dos graduandos de Licenciatura da Faculdade Sesi de Educação (FASESP), temos como pressuposto, segundo Arbach (2011), que estabelecemos uma relação com o texto e a ilustração na qual não se deve encarar a ilustração como um diálogo complementar entre as duas linguagens. A razão para isso é a de que a ilustração, por si só, é possuidora de linguagem com discurso próprio, semelhante ao do texto. Dessa forma, atribuímos um conteúdo completo e complexo à produção ilustrada como um referencial possível de um sentido integral. Trazemos por meio dessa linguagem nossas impressões

bem como a autenticidade no que diz respeito ao relato das experiências de maneira ilustrada. Assim, aquilo que era vivenciado no contexto escolar passa a ter significado.

Segundo Santaella (2012), somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que por meio das palavras. As experiências de observação ativa, nas quais as ilustrações eram desenvolvidas, me motivaram nesse sentido. Ademais, nos registros ilustrados, havia a necessidade de assegurar a espontaneidade daquilo que estava acontecendo – seja no momento ou um pouco depois –, de maneira a torná-lo vívido sempre que fosse revisto através das ilustrações.

A experiência é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão (Breton; Alves, 2021, p.3). Isso nos coloca diante do despertar para o conhecimento. Na experiência se gera a aprendizagem. É pela presença do outro, e as experiências que o cercam, que constituímos compreensão da realidade e nossa formação enquanto sujeitos no mundo.

O princípio da representação por imagens é a semelhança entre a aparência da imagem e aquilo que ela designa (Santaella, 2012). Sendo assim, aquilo que estava acontecendo de maneira espontânea foi interpretado de maneira representativa por intermédio da ilustração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens nos convidam a ver aquilo que está diante de nós, a instantaneidade e a agitação das circunstâncias em que certas atitudes acontecem no ambiente de aprendizagem. Portanto, pode passar despercebida a compreensão de que o mundo da imagem é mais complexo, mais convidativo e mais encantador do que sonham os olhares apressados (Santaella, 2012).

Por meio de todas essas experiências temos uma compreensão filosófica da realidade (Mussi *et al.*, 2021), pois a cada ação realizada no ambiente de aprendizagem que impacta ou, de alguma maneira, chama nossa atenção, produz reflexão, contendo sentido nas impressões de como a prática docente pode se constituir, através da coleção de imagens e referências que a própria experiência nos traz.

Encarar novas possibilidades de relato trazendo à tona as potencialidades que o uso imagético nos oferece, permitindo uma narrativa singular e autêntica daquilo que está sendo experienciado, bem como uma interpretação reflexiva e filosófica por meio de outros caminhos de linguagem, é se abrir diante de um repertório muito sensível e atento ao que está diante dos nossos olhos.

As experiências da vivência em sala evidenciam a multiplicidade humana e as mais complexas, intensas e incríveis relações dos indivíduos em torno do conhecimento. Ter o privilégio de se dedicar a observar cada pequena nuance dentro do ambiente escolar e as pessoas que a constituem me sensibilizaram para olhar o outro com interesse cada vez mais genuíno. A Residência é um laboratório prático e sensível e traz à tona o educador.

■ REFERÊNCIAS

ARBACH, J. O discurso da ilustração. **A3:01**, Juiz de Fora, 2011.

BRETON, H.; ALVES, C. A. A narração da experiência vivida face ao *problema difícil* da experiência: entre memória passiva e historicidade. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 38-51, 1 fev. 2021.

MUSSI, R. F. DE F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. DE. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 1 set. 2021.

SANTAELLA, L. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.